SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

03/06/2015 - Telesíntese

Mundo terá 7,7 bilhões de conexões de banda larga móvel em 2020

O uso de dados médio mensal por smartphone na América Latina aumentará dos 0,8 GB atuais para 3 GB.

A quantidade de conexões de banda larga móvel vai mais que duplicar nos próximos cinco anos, passando dos atuais 2,9 bilhões de acessos, para 7,7 bilhões. Os smartphones, que hoje já são a maioria destes acessos, será o responsável pelo aumento, passando dos 2,6 bilhões em uso, hoje, para 6,1 bilhões em 2020. As projeções fazem parte do Relatório de Mobilidade, publicado todo trimestre pela fornecedora de infraestrutura em telecomunicações Ericsson.

De acordo com o levantamento, haverá 9,2 bilhões de dispositivos móveis em uso no mundo daqui cinco anos. Os mercados emergentes vão alavancar a adoção, especialmente na Ásia Pacífico, Oriente Médio e África. O 5G deverá sair do papel apenas em 2020, mesmo, inaugurando novos usos par redes móveis. A América Latina terá 330 milhões de assinaturas de smartphones a mais até o final de 2020. O uso de dados médio mensal por smartphone na América Latina aumentará dos 0,8 GB atuais para 3 GB.

O número de assinaturas em banda larga móvel vai superar a própria população em muitos países, revelam os dados. Até 2020, 85% de todas as assinaturas móveis serão de banda larga. A empresa estima que 90% da população mundial acima de seis anos de idade terá um celular em 2020.

O 4G deve se aproximar do 3G em número de usuários. Até lá, serão 3,8 bilhões de pessoas usando as tecnologias WCDMA/GSM, e 3,7 bilhões com acesso LTE. O número de usuários 2G deve cair continuamente, passando dos 4 bilhões no final de 2014 para 1,4 bilhão em 2020.

Atualmente, apenas a América do Norte possui 100% das conexões móveis nas tecnologias 3G/4G. A Europa ocidental tem 75%, que chegarão a 100% nos próximos cinco anos. A América Latina passará de 40% para 90%, acima de Europa central e oriental (50% hoje) e Ásia Pacífico (40%), que terão 85% das conexões em 3G ou 4G; e que Oriente Médio e África, que terão 70% (ante 20% atualmente).

A cada ano, até 2020, o tráfego de vídeo móvel crescerá a incríveis 55% por ano e constituirá cerca de 60% de todo o tráfego de dados móveis até o fim desse período, no mundo. O crescimento é fortemente impulsionado pela mudança das preferências dos usuários por serviços de streaming de vídeo e pelo domínio cada vez maior de vídeos em conteúdo online, incluindo notícias, propagandas e mídias sociais.

Tráfego

O relatório mostra a multiplicação do consumo de dados em todo o mundo. As regiões onde o tráfego mais vai crescer serão Ásia Pacífico e o conjunto de países que formam Europa Central, Oriente Médio e África. Nestes casos, o trânsito de dados vai se multiplicar por 11. Na Europa Ocidental, o crescimento será de nove vezes, na América do Norte, de oito vezes, e na América Latina, de sete vezes até 2020. A companhia estima que o tráfego mundial acumulado entre 2015 e 2020 seja de 570 exabites, contra 25 exabytes registrados entre 2009 e 2014.

M2M

A empresa fez também refez projeções para o número de dispositivos que vão se conectar à rede até 2020, cortando pela metade cálculos de 2010 que apontavam para 50 bilhões de aparelhos com acesso à internet até 2019. Pelo novo cálculo, até 2020, serão 26 bilhões de objetos conectados, dos quais, 15 bilhões serão celulares ,tablets e PCs. Ao final de 2014 havia 230 milhões de objetos conectados às redes móveis. Apesar da redução drástica na conta, a empresa garante que as tecnologias de internet das coisas e máquia a máquina vão continuar crescendo em adoção nos próximos anos.

Redes

Nos próximo cinco anos, a perspectiva é que 90% da população mundial tenha cobertura de banda larga móvel. O 2G crescerá da cobertura atual de 90% para 95%, o 3G passará dos atuais 65% para 90%, se tornando o principal tipo de acesso à internet no planeta. O LTE deve passar da cobertura atual de 40% para 70% da população.

O levantamento mostra que existem, hoje, 54 redes LTE TDD em funcionamento comercial em 34 países. Outras 16 redes como modos TDD e FDD em conjunto. As redes LTE-Advanced são 64. O total de redes 4G é de 393, em 138 países. A Ericsson acredita que ainda neste ano começam operações comerciais que unem redes móveis a espectro não licenciado.

Os dados usados no estudo foram coletados entre o final de 2014 e começo de 2015. Usam dados históricos de diversas fontes, além da análise de tráfego e do comportamento de 100 redes espalhadas pelo mundo, monitoradas pela Ericsson.

03/06/2015 - Telesíntese

Orange estuda compra da Telecom Italia

A holandesa KPN e a belga Belgacom também estariam no radar do grupo francês.

A operadora francesa Orange cogita comprar a Telecom Italia, dona da TIM Brasil. A informação foi repassada ao jornal britânico Financial Times por Gervais Pellissier, head da Orange. De acordo com o executivo, além da italiana, estariam também no radar de aquisições a holandesa KPN e a belga Belgacom. "Nos próximos cinco anos haverá uma consolidação intra-europeia", previu a jornalistas ontem.

Segundo ele, a medida é necessária para as operadoras que planejam competir em uma Europa com mercado comum de telecomunicações estabelecido. A tele é a segunda maior do continente em número de usuários, com 28,2 milhões de clientes – no mundo, tem 188 milhões. Apenas a Deutsche Telekom é maior, com 56,8 milhões.

Em março, o CEO da empresa, Stephane Richard, também manifestou interesse na Telecom Italia, que negou a existência de negociações. Pellissier disse aos jornalistas que falta ainda convencer os reguladores locais a apoiar a ideia. "O discurso oficial de que o novo corpo em Bruxelas [sede executiva da União Europeia] não é completamente verdadeiro", falou.

Ele afirmou acreditar que a visão dos líderes políticos europeus continua a ser por mais operadoras na região. Ele disse que em alguns países ter quatro grandes operadoras é algo insustentável, e cita a França como exemplo. Ali, acredita, haverá uma consolidação em breve, mas que não deve envolver a Orange.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

03/06/2015 - RBA

Alta de juros é mais que erro, é 'quase burrice' da equipe econômica

Para colunista da rádio, alta da Selic não se aplica a conter inflação que não é de demanda. Dieese vê transferência de recursos públicos para os rentistas. E CUT quer centrais e setor produtivo no Copom

A política de juros adotada pelo Conselho de Política Monetária (Copom) do Banco Central não é apenas um erro da equipe econômica: é "quase uma burrice". A avaliação é do jornalista e analista político Paulo Vannuchi, em sua coluna de hoje (3) na Rádio Brasil Atual. Segundo ele, há quem aposte que a alta seja de 0,25 ponto percentual e também circularam rumores de que a presidenta Dilma Rousseff tenha pressionado a equipe para que não promova nenhuma alteração e mantenha a Selic como está, em 13,25%. Mas a tendência predominante apontada por analistas é de que o Copom, na reunião que se encarra hoje (3), eleve a taxa básica de juros, que corrige os títulos com que o Tesouro Nacional e faz a rolagem da dívida pública, em meio ponto percentual, para 13,75% ao ano.

Vannuchi aponta essa política como contraditória, num momento em que o próprio governo promove um ajuste que o obriga a cortar uma série de gastos públicos numa ponta, enquanto na outra eleva as despesas com o serviço da dívida. Segundo o colunista, o pretexto de que os juros são necessários para conter a inflação não se aplica a uma inflação que não é de demanda, "quando a loja tem dez geladeiras para cada 30 interessados em comprar", explica. A inflação, observa, foi pressionada sobretudo pelos chamados preços controlados, como tarifas de energia e preços dos combustíveis – medidas que tiveram impacto nos primeiros meses e que não terão nos próximos.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Rafael Marques, considera que os juros altos diminuem os investimentos do empresariado na produção, o que conduz à uma redução da renda e dos empregos. "O empresariado está investindo em títulos do governo. Quem está enfrentando muitos problemas este ano são os trabalhadores. Uma parte dos empresários até passa por dificuldades, mas outra parte está aguardando sinais mais positivos e, enquanto isso não acontece, ganha dinheiro com aplicação financeira. A alta da Selic é bem-vinda pra eles. Quanto maior melhor", afirmou Rafael à repórter Camila Salmazio, da Rádio Brasil Atual, durante protesto de ontem de centrais sindicais contra a política de juros.

"Infelizmente, mais uma vez, o Banco Central decidirá aumentar a taxa de juros, conferindo um custo social e econômico muito alto para a economia brasileira e fazendo uma transferência do orçamento da União para os rentistas de forma acentuada", afirmou o economista Clemente Ganz Lucio, diretor técnico do Dieese, também à Rádio Brasil Atual.

Unidade das centrais

Para Paulo Vannuchi, portanto, foi acertada a decisão de algumas centrais sindicais de promover um protesto diante do prédio do Banco Central, ontem (2), embora cômoda para a Força Sindical e a UGT. Vannuchi avalia que "ficaria mal" para a Força e a UGT se omitirem, depois de se ausentarem de um dia de lutas que promoveu manifestações e todo o país no último dia 29. "Então improvisaram um evento fácil de fazer diante da sede do BC contra o aumento de juros", disse, acrescentando que foi acertada também a presença no ato de importantes dirigentes da CUT, como o secretário-geral nacional, Sérgio Nobre, e o presidente estadual em São Paulo, Adi dos Santos Lima.

Vannuchi aponta o "caráter" do presidente licenciado da Força Sindical, o deputado Paulo Pereira da Silva (SD-SP), como o de um "oportunistas, de um sindicalismo de negócios", mas ressalva a conduta do atual presidente da central como "equilibrada" e que ajuda a construir a unidade. "Portanto, a presença da CUT no ato convocado pela Força e a UGT é muito positiva. A unidade das centrais é necessária, mesmo quando há colossais divergências políticas."

Sérgio Nobre defendeu a participação de representantes do empresariado e das centrais sindicais no Copom. "O que acontece é que são pessoas ligadas ao mercado financeiro que se reúnem para tomar essa decisão que impacta todo mundo. Então, a composição desse conselho tem de ser revista. Há anos as centrais reivindicam que o setor produtivo faça parte desse conselho, e acho que temos de retomar essa agenda."

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

04/06/2015 - Portal Vermelho

Luta contra terceirização é tema em debate no Congresso da UNE

A mesa "O projeto de terceirização e os desafios das trabalhadoras e trabalhadores brasileiros" mobilizou representantes da classe trabalhadora na manhã desta quinta-feira (4), segundo dia do 54º Congresso da UNE, em Goiânia. As intervenções reforçaram a luta contra a terceirização, a precarização e o lobby empresarial no Brasil e no mundo.

A bancária e representante da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Adriana Magalhães, observou que deputados que votaram a favor do projeto de regulamentação da terceirização são os mesmos que aprovaram, na semana passada, a constitucionalização do financiamento empresarial de campanhas eleitorais.

A bancada empresarial é a maior do Congresso Nacional, com 45% dos parlamentares, segundo levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar.

"Esse cenário é muito temerário para a classe trabalhadora, pois os empresários têm feito um lobby imenso no Congresso para retomar os seus lucros", afirmou a sindicalista.

Precarização do trabalho

Segundo Adriana, a ampliação da terceirização para as atividades-fim, conforme prevê a proposta aprovada na Câmara dos Deputados, criará um quadro de precarização muito grande para os trabalhadores.

"Vão ser criadas no Brasil diversas empresas prestadoras de serviço, com relações de trabalho fragilizadas, pois o fundo deste projeto é diminuir o custo das empresas. Os trabalhadores serão demitidos para ser recontratados terceirizados com menos custos. Alguns setores, como as costureiras, poderão ser 'quarteirizadas', beirando a condição de escravidão", concluiu Adriana.

Juventude trabalhadora

Para o diretor da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do do Brasil (CTB) Paulo Vinicius, a juventude será a maior afetada pela terceirização do trabalho. "Essa geração atual, que são mais de 60 milhões de jovens no país no mercado de trabalho, está correndo o risco de ter os seus direitos jogados no lixo, que estão ai desde a era Vargas. Vocês não vão ter ferias, terão menores salários e o fim da Previdência Social. A terceirização significa o aprofundamento da crise, pois se produz menos, se consome menos e se desemprega mais", afirmou Paulo.

Onda internacional

Doutorando em sociologia do trabalho pela Universidade de São Paulo, Thiago Aguiar apontou que a precarização do trabalho, também inclusa no ajuste fiscal do governo federal com a medida que restringiu acesso ao seguro-desemprego, é um fenômeno mundial desde a crise de 2008, principalmente na Europa, desmontando direitos historicamente consolidados.

"Há uma pressão internacional para tirar o dinheiro da educação, da saúde e da classe trabalhadora, para pagar a dívida dos bancos, que agora chegou ao Brasil", disse Thiago. "Os ricos devem pagar pela crise que eles mesmos criaram, não os trabalhadores e a juventude brasileira."

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

04/06/2015 - Vermelho

Taxação de grandes fortunas pode render R$ 100 bilhões ao ano

A Constituição Federal de 1988 prevê o Imposto sobre Grandes Fortunas (IGF). No entanto, ainda é preciso estabelecer uma lei complementar para a regulamentação do tributo. Algumas propostas foram feitas ao longo destes 27 anos, mas até hoje não foi aprovada nenhuma regra. Com isso, o IGF é o único dos sete tributos previstos na Constituição que ainda não foi implementado.

Amir Khair afirma que distorção no sistema fiscal provoca uma injustiçaAmir Khair afirma que distorção no sistema fiscal provoca uma injustiça De acordo com o especialista em finanças Amir Khair, o IGF é de extrema importância para o país. Cálculo feito pelo especialista, com base em dados da Receita Federal, estima que o governo conseguiria arrecadar R$ 100 bilhões ao ano com o Imposto sobre Grandes Fortunas.

"Na medida em que se distribui melhor a tributação deste imposto com as informações da Receita Federal, uma estimativa que eu fiz, mas usando dados ainda de 2000, que foi a única vez que a Receita Federal disponibilizou as informações, há valores de hoje que poderiam representar algo próximo a R$ 100 bilhões de reais por ano", afirmou Amir Khair em entrevista à Agência PT de Notícias.

Segundo o economista, a aprovação leva o país para o caminho da justiça fiscal. "O que interessa no sistema tributário é exatamente sobre quem incide os tributos. Aqui no Brasil, como se tributa em excesso o consumo, é exatamente a classe média e a população de menor renda que arca com a maior parte do peso fiscal do país", enfatiza.

E completa: "Nós temos, no Brasil, uma grande distorção no sistema tributário, pois aqui se tributa em excesso o consumo e pouco na renda e no patrimônio. Com isso, os bens, os serviços, ficam muito caros. O Brasil se tornou um país extremamente caro, comparando com outros países. Nós temos que mudar esse sistema tributário reduzindo os impostos sobre o consumo e, para isso, para não se perder a arrecadação e comprometer o serviço público, é necessário elevar o imposto sobre a renda e o imposto sobre patrimônio. O imposto sobre grandes fortunas é um excelente imposto que dá uma força de arrecadação muito grande e que pega em cima das rendas mais fortes e de patrimônios mais altos do país"

Apesar da polêmica sobre qual seria o percentual ideal para aplicação da regra de grande fortuna, ele afirma que é uma definição simples. "É facílimo você calcular qual deve ser a grade de tributação e inclusive estabelecer o piso necessário de patrimônio a ser tributado, mas isso depende, em primeiro lugar, da Receita Federal disponibilizar as informações do Imposto de Renda. A Receita Federal não está fazendo isso, ela descumpre a obrigação de transparência e é necessário, da parte dos parlamentares que estão interessados nisso, que obriguem a Receita Federal a usar a Lei da Transparência e fornecer os dados necessários para que se tenha um debate mais seguro e mais técnico na sociedade", destaca o economista, apontando que o valor ideal de taxação teria como referência o patrimônio acima de R$ 1 milhão e uma alíquota média de 1%.

Para corrigir a distorção tributária Amir defende que a estratégia deve partir da redução de juros e não pode depender do Congresso. "Não podemos ficar na mão de pessoas de pouca responsabilidade social e política, que são as pessoas que estão comandando o Congresso. São pessoas que não tem compromisso com o ajuste fiscal, com a população, e isso é grave, porque o que é importante é fazer uma conta pública equilibrada, é ter um cenário externo forte, é ter uma inflação controlada e isso só consegue quando muda a anomalia dos juros na economia brasileira", advertiu.